

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

NOTÍCIA DE UMA JÓIA ANTIGA ADQUIRIDA PELO MUSEU DE "MARTINS SARMENTO".

CARDOSO, Mário

Ano: 1957 | Número: 67

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de "Martins Sarmiento". *Revista de Guimarães*, 67 (1-2) Jan.-Jun. 1957, p. 179-184.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de «Martins Sarmento»

POR MÁRIO CARDOZO,
Director do Museu de «Martins Sarmento»

Mediante a intervenção do Sr. Dr. Daniel de Sá, professor da Escola Industrial e Comercial de Guimarães, vieram há tempos propor-nos a compra de uma interessante pulseira de ouro que, pelas suas características de antiguidade, muito nos interessou e logo procuramos adquirir para o Museu de «Martins Sarmento», onde se guardam já alguns exemplares valiosos da nossa joalheria arcaica. Surgiu-nos, porém, uma grave dificuldade: — o achador deste objecto exigia por ele a quantia de 8.000\$00 esc., demasiadamente elevada para as restritas disponibilidades económicas da Sociedade Martins Sarmento. Apelamos então para a Câmara Municipal de Guimarães, e, felizmente, não o fizemos em vão, porque a ilustre Vereação do Município, compreendendo inteligentemente o quanto a aquisição dessa jóia antiga representava para o enriquecimento das colecções arqueológicas do nosso Museu, logo pôs à disposição desta Colectividade a quantia necessária para o fim em vista. E assim, temos hoje a satisfação de ver figurar entre os braceletes e anéis do «Tesouro de Gondeiro» (Amarante), arrecadas da Citânia de Briteiros e outras valiosas peças áureas do nosso Museu — a pulseira que designaremos «do Monte da Saia» (Barcelos), por ter sido esse o local onde este objecto casualmente apareceu, no passado mês de Março do corrente ano.

É curioso recordar desde já que este *Monte da Saia*, com seu perfil bem recortado, à esquerda da estrada de Famalicão a Barcelos, e rodeado pelas

aldeias das Carvalhas, Chorente, Chavão, Grimancelos, S. Pedro e Silveiros, tem remotas tradições de antiguidades locais. Ali possui a Sociedade Martins Sarmiento, desde há muito, na área pertencente à freguesia das Carvalhas, dois monumentos arqueológicos, um dos quais é constituído pelos restos de um singular edifício que tem a designação popular de «Forno dos Mouros», e outro que é um penedo com curiosas gravuras, chamado a «Laje dos Sinais» (Vide Mário Cardozo, *Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento*, Guimarães, 1950, págs. 86 e ss., 138-139 e 165). Foram adquiridos por Martins Sarmiento, mediante escritura notarial lavrada em 14 de Junho de 1898, e logo entregues pelo sábio e benemérito vimaranense à guarda da Sociedade M. S., monumentos estes que, muito mais tarde, por proposta nossa apresentada à Junta Nacional de Educação, foram classificados como «imóveis de interesse público» (Decreto n.º 38.147, de 5 de Janeiro de 1951, publicado no Diário do Governo n.º 4, 1ª série, desse mesmo dia e ano).

Na parte cimeira do Monte da Saia, chamada Alto do Livramento, ainda hoje se notam, perfeitamente nítidos, vestígios de ali ter existido um castro, com seus restos de alicerces das primitivas casas de planta circular; e, do lado norte, na orla desse planalto, distingue-se, numa grande extensão, um espinhaço artificial do terreno, que constituía, sem dúvida alguma, o *vallum* defensivo nessa frente. Da existência deste castro já as *Memórias paroquiais de 1758* nos apresentam a seguinte indicação: «Junto a dita ermida (*do Alto do Livramento*) está hum pedasso de terra cham cercado de fortes feitos antigamente de terra» (Vide extractos destas *Memórias*, por Pedro de Azevedo, in *O Archeologo Português*, vol. VII, 1902, p. 240, n.º 464).

Ora foi neste propiciatório ambiente de antiguidades que, recentemente, apareceu a interessante pulseira de ouro, agora na posse do Museu da Sociedade Martins Sarmiento. O seu feliz achador foi um humilde pedreiro, de nome Artur Carvalho da Cunha, rapazole de 22 anos, natural da freguesia de Louro, do Concelho de Vila Nova de Famalicão. A descoberta foi meramente casual, como sempre

acontece em casos idênticos, e teve lugar numa bouça chamada da Tomadia da Mata, pertencente ao proprietário José Faria da Costa, na parte do Monte da Saia situada na freguesia de Grimancelos.

Comprara o pedreiro um penedo àquele proprietário, e andava a *descalça-lo*, como ele disse, isto é— a desafronta-lo de terras e entulhos acumulados à sua volta e nos interstícios, para que, ao atacá-lo a dinamite a fim de o fracturar, ele rachasse bem e os blocos se desprendessem mais facilmente. Ora, numa grande fenda desse penedo, de onde o pedreiro estava extraíndo a terra e pedregulhos, rolaram súbitamente, à mistura, objectos metálicos que chamaram a sua atenção. Eram três as peças, que só mais tarde ele soube serem de ouro, cuja descrição nos fez e a seguir reproduzimos:

a) Um fio que teria de diâmetro uns 3 milímetros, enrolado em hélice, o qual estendido atingiria uns 30 a 40 centímetros de comprimento.

b) O pedaço de um tubo liso, cilíndrico, de paredes bastante espessas, no qual encaixara a ponta de um pico, batendo na pedra até o fender; não nos deu uma explicação plausível da razão que o levara a cometer esse acto lamentável, mas temos que atribui-lo a mera boçalidade e espírito de destruição, que logo ocorre ao ignorante, para *ver se é ouro* . . .

c) A pulseira que a Sociedade Martins Sarmento adquiriu e salvou de ruína total.

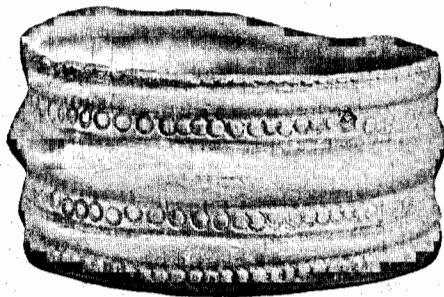
Ora precisamente o grande perigo que sofrem os achados nestas condições é o da sua imediata destruição, ou fragmentação, que o achador em geral pratica, a fim de verificar a natureza do metal, embora com essa inútil experiência nada consiga, de momento, concluir. Vai seguidamente ao ourives mais próximo, ou a qualquer pessoa sua conhecida, revelar o segredo do achado e, nessa altura, será ludibriado ou não, conforme o grau de honestidade do indivíduo a quem se dirigiu. No caso presente, o rapaz andou com sorte, pois um ourives de Famação (do qual não quis revelar o nome) logo lhe disse que os objectos eram de ouro e lhe deu a quantia de 5.156\$00 escudos pelo tal fio e tubo, que pesavam 156 gramas.

Então, o pedreiro, alvoroçado com o valor daquilo que ele supunha não passar de qualquer sucata de cobre, já não quis desfazer-se logo da pulseira, pois como este objecto apresentava uma forma e ornamentação especiais, que mais intensamente atraíram a sua rude inteligência, suspeitou, desconfiado e manhoso, que poderia ser-lhe pago mais vantajosamente, como de facto foi, por outrem, e não por aquele ourives que apenas lhe dava o valor em peso de ouro, sem atribuir aos objectos qualquer valor estimativo.

Chegando ao conhecimento do Sr. Prof. Daniel de Sá, natural daquela região, a notícia deste achado, induziu então o pedreiro a propor a venda ao Museu da Sociedade Martins Sarmiento do único objecto que lhe restava, ou seja, a pulseira, à qual foi dado um valor estimativo ligeiramente superior ao dobro do seu valor em simples peso de ouro.

*

Passemos à descrição das características deste interessante espécime da nossa joalheria primitiva, cuja reprodução damos na gravura inclusa:



Pulseira do Monte da Sata, Barcelos.

(Tam. nat. aprox.)

Tem esta pulseira o diâmetro máximo de 60 milímetros, a altura de 33 e uma espessura oscilando entre 1 milímetro e 1,5. O seu peso é de 113,4 gramas.

Devido ao seu pequeno diâmetro, só poderia passar nesta pulseira a mão de qualquer mulher jovem, ou de uma criança. Tem a forma geral de um cilindro constituído por faixas, ou zonas, alternadamente lisas e convexas, separadas por pequenos sulcos. As faixas lisas, que são quatro e têm a altura de 5 milímetros cada uma, estão ornamentadas em toda a volta com pequenas circunferências de 2 milímetros de diâmetro, feitas por meio de punção de ferro ou de bronze; as faixas convexas, que são três, têm também a altura de 5 milímetros, excepto a central que mede 7,5 milímetros de alto.

O trabalho da jóia é bastante grosseiro e rude, e não apresenta vestígios de solda em toda a volta, o que não quer dizer que esta peça não tenha podido ser, inicialmente, uma placa rectangular que, depois de vergada e unida pelos bordos menores por meio de soldadura autogénia, foi seguidamente batida a frio, na bigorna, para lhe formar as caneluras em relevo, etc. Ou então, partindo de uma placa quadrangular que, depois de perfurada na parte central, fosse levada à bigorna e batida até adquirir a forma definitiva que lhe foi dada. Em vista da grande maleabilidade do ouro, qualquer destes dois hipotéticos processos de fabrico da peça é admissível. De ter sido directamente fundida, em molde apropriado, não mostra indícios. O ouro empregado, segundo a informação de um ourives a quem mostramos a pulseira, é de grande pureza, não tendo sido contudo verificado com precisão o seu toque.

Minuciosamente analisada por nós, chegamos à conclusão de que a altura desta peça teria sido, de início, superior à actual, pois se vê que, na parte superior, a faixa ornamentada fora cortada a golpes de cinzel pelo meio da série de pequenas circunferências. Esse corte distingue-se bem, mesmo na própria gravura que acompanha esta notícia. Teria a pulseira o dobro da altura actual, por exemplo, e seria cortada para da mesma peça fazerem duas idênticas? Fosse qual fosse o motivo, o que se pode concluir é que o seccionamento não foi praticado em data recente, pois a pátina da jóia é uniforme em toda a superfície.

*

Qual a cronologia que podemos atribuir a esta peça? Supomos que, apesar do seu aspecto rude lhe imprimir um certo ar arcaico, a devemos colocar já na Idade do Ferro, não só pela sua ornamentação vincadamente impressa por percussão, que só poderia ter sido feita com um punção metálico bastante forte, talvez instrumento de ferro, mas ainda pelo facto de o local do achado estar situado numa região onde as características de um ambiente castrejo são manifestas. Considero pois esta peça, aliás sob reserva, como pertencente à arte céltica do séc. v-iv a. C., de começos da Idade do Ferro no Noroeste da Península.

Faltam os elementos para uma identificação mais precisa. Perguntando ao achador se, juntamente com as peças áureas e de mistura com a terra extraída da fenda do penedo, não teriam surgido fragmentos de cerâmica, ou quaisquer instrumentos de pedra polida com forma particular, disse-nos que sim, mas, um pouco titubeante, não soube descrever-nos claramente do que se tratava. Prometeu trazer-nos esses restos, se ainda os achasse no lugar, e aos quais não havia ligado importância, mas que, para nós, seriam preciosos. Porém, não mais nos apareceu, certamente ocupado em espatifar (ou talvez aferrolhar) a fortuna dos 13 contos que inesperadamente lhe caíra do céu, com o feliz achado destes objectos.

A análise das outras peças que vendera ao ourives de Famalicão (cujo nome nos não revelou, como dissemos, por certo cautamente prevenido pelo comprador) muita luz poderia trazer também para a fixação da cronologia a atribuir à pulseira (1). A forma de jóias em hélice ou em espiral denota certo primitivismo; da outra peça que o pedreiro designou «pedaço de um tubo», e que fracturou com o pico, não chegamos a fazer uma ideia precisa do que fosse.

(1) Já depois de este artigo em composição, informou-nos o Sr. Dr. Daniel de Sá de que conseguira saber quem era o ourives de Famalicão e que este lhe afirmara ter derretido no cadinho as peças que comprara ao pedreiro. Sempre o mesmo fatal destino!